

# O Militante

GES  
PCP

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

## A ASSISTÊNCIA POLÍTICA ÀS ORGANIZAÇÕES CAMPONESAS

**ALGUNS** camaradas defendem a ideia de que só devem ser destacados para o controlo das organizações camponesas, militantes que saibam «discursar» aos camponeses.

Por exemplo: X é uma localidade que, pela sua situação geográfica e importância económica, é o fulcro duma região rural onde os camponeses atingiram já um grau de radicalização invulgar.

Os camaradas da organização de X têm feito um bom trabalho de mobilização de massas na sua localidade, mas têm descurado em absoluto a assistência política aos sectores camponeses, com o pretexto de que não dispõem de camaradas «oradores» para tal trabalho.

Ora isto é um grave erro de concepção dos nossos camaradas de X e **explica, em parte, a ausência de movimentos camponeses na sua região.**

Os militantes destacados para o controlo das organizações camponesas — embora isso tenha a sua importância em casos **muito excepcionais** — não necessitam de fazer discursos para mobilizarem as massas camponesas contra o fascismo salazarista.

Precisamente os nossos camaradas, em vez de «discursarem» aos camponeses, devem é aprender a saber ouvi-los, a saber escutar as suas sugestões, os seus problemas,

e a indicar-lhes as formas práticas de os resolverem. Devem penetrar-se, falando com eles, das condições concretas do seu sector, tais como: qual a classe de camponeses com quem se fala (se se trata de proletários agrícolas; pequenos rendeiros ou pequenos proprietários); salários; relações com os grandes proprietários e a Casa do Povo; quais as relações e particularidades locais da exploração dos organismos corporativos; como é feito o fornecimento de géneros à população; carestia, etc., etc.

Então, perfeitamente elucidados de todos estes factores, os nossos militantes devem mostrar-lhes como os camponeses doutras localidades souberam resolver situações identicas. Devemos dar aos camaradas camponeses que nos escutam exemplos concretos de movimentos que conheceram e de que ouvimos falar e aconselhar-lhes as formas mais práticas de resolverem os seus problemas.

Os camaradas que fazem «discursatas» aos camponeses poderão talvez causar-lhes uma grande admiração pelas suas palavras «muito revolucionarias» mas dos seus discursos nada ficará de positivo para a solução prática dos problemas que os afectam, nem para a sua mobilização concreta contra o fascismo salazarista.

## **O PARTIDO E OS TRABALHADORES ENGANADOS PELO GRUPELHO**

**(Resolução do Secretariado do CC)**

1 — O Partido conta uma organização à escala nacional em pleno desenvolvimento, tem uma intensa actividade de imprensa ilegal e publica regularmente há quasi 3 anos o seu órgão central («Avanço»). As organizações de base do Partido, na sua maioria, conduzem uma actividade de massas. Existe no P. uma sólida e inquebrantável unidade de vontade, pensamento e acção. As lutas de julho-agosto e o I Congresso ilegal do Partido foram a irrefutável demonstração do fortalecimento político e orgânico do P., que se tornou possível com a reorganização operada em 1940-41, sob a direcção de militantes responsáveis e seguindo, no fundamental, directrizes estabelecidas pela Organização Comunista do Campo de Morte do Tarrafal e pelo Secretário Geral do Partido, assassinado em 1942, Bento Gonçalves.

2 — Os sabotadores, traidores e cisionistas, apesar de animados e protegidos descaradamente pela policia, não só não conseguiram impedir a reorganização do P., como não conseguiram dar continuidade à sua obra provocatória da construção dum grupo organizado intitulando-se «o verdadeiro Partido Comunista». Salvo uma cidade, onde agora recrudescem a sua acção, fracasaram totalmente os seus esforços para construir «uma organização operaria» e para fazerem aparecer regularmente publicações confusionalistas e provocatórias pretensamente «ilegais». Aos olhos dos trabalhadores e dos anti-fascistas, os provocadores do

Grupelho revelaram a sua verdadeira face: agentes do fascismo no movimento operário.

3 — O desmascaramento do Grupelho, a cada vez mais clara acção policial dos seus elementos, e o magnífico desenvolvimento do P. desde a reorganização de 1940-41, levaram certos trabalhadores honestos que, em certo momento (por deficiência de informação, pelo seu desconhecimento da vida interna do P., pela sua desligação do trabalho partidário, etc), tinham acreditado nas mentiras e calúnias do Grupelho, a reverem a sua posição, a corar com as suas ligções com os elementos do Grupelho, a repudiarem a sua acção provocatória. O CC do P. tem em seu poder cartas de trabalhadores nessas condições, em que se auto-criticam dos seus erros e manifestam a sua confiança no P.

4 — O Secretariado entende que chegou o momento de dar a esses trabalhadores a possibilidade de demonstrarem perante a classe e a massa trabalhadora que é sincero o reconhecimento do seu erro e que são capazes de lutar dedicadamente nas lutas populares que presentemente se travam contra o fascismo.

5 — O Secretariado recomenda às organizações de base do P. não hostilizarem os trabalhadores sérios que, ontem enganados pelo Grupelho, agora reconhecem o seu erro. Recomenda às organizações partidárias que, em relação a aqueles que estando nessas condições, gozem de prestígio na sua fábrica ou empresa e se disponham since-



ramente a lutar, não se recusem a colaborar com eles no mesmo pé em que colaboram com todos os trabalhadores honestos quaisquer que sejam as suas convicções políticas ou religiosas. Podem mesmo aceitar a sua participação em Comissões e outros organismos de unidade operária.

6 — O Secretariado sublinha, entretanto, que se não trata de admitir no P. esses trabalhadores ou de estabelecer acordos políticos com eles. Trata-se sim de lutar em comum com todos os companheiros de trabalho. A questão da admissão no P. só poderá pôr-se no futuro em relação àqueles trabalhadores que, tendo repu-

diado o Grupelho, tenham demonstrado pela sua actividade junto da classe operária e das massas trabalhadoras e por toda a sua conduta, que cortaram to'as as suas relações pessoais e ideológicas com os elementos do Grupelho e que são dignos de pertencer à vanguarda do proletariado: o Partido Comunista.

7 — O Secretariado acentua, ao mesmo tempo, que, onde os provocadores insistirem na sua acção desagregadora, cisionista e policial, há que dar-lhes combate sem tréguas, desmascará-los e desacreditá-los inflexivelmente perante as massas, tratá-los como vulgares agentes provocadores e policiais.

## A luta reivindicativa

### RESOLUÇÃO ERRADA DUMA CÉLULA DE EMPRESA

O Comité de direcção da célula da empresa Y, adoptou recentemente a seguinte resolução:

**“Não formar nem tornar possível que comissões de operários se dirijam junto da gerência a exigir as reivindicações acima citadas (trata-se do Caderno de Reivindicações aprovado pelo Comité), em consequência do inimigo nos esperar nesse caminho”.**

Num momento em que, em todas as fábricas e empresas, os trabalhadores levam a cabo uma intensa luta para que as suas reivindicações sejam atendidas, num momento em que, em toda a parte, se formam Comités de Unidade, que se revelaram os melhores organismos de frente-única da classe operária, a resolução dos camaradas da empresa Y é deve-

ras surpreendente.

Quais as razões que levaram os nossos camaradas a adoptarem uma tal resolução?

A situação na empresa Y é, na realidade, muito particular. Desde as greves de julho-agosto que ali estão permanentemente instaladas forças militares e, junto à gerência da empresa, trabalha também permanentemente uma brigada da Polícia de Informações. Em face desta situação, os camaradas pensaram ser impossível realizar com sucesso uma luta reivindicativa, pois que (segundo eles) qualquer comissão que se formasse seria imediatamente presa pela polícia.

Teria sido justa a resolução dos camaradas da empresa Y?

Não, ela não foi justa.

Ela reflecte o debil trabalho de massas da nossa organização partidária nessa empresa. Ela reflecte a falta de confiança dos nossos ca-

maradas na força e combatividade da classe operária, muito embora acreditem ser possível uma grande greve nessa empresa. **Levar a cabo essa resolução equivaleria a castrar a energia combativa das massas, a aconselhar-lhes vergarem-se à repressão fascista.**

A verdade é que, na empresa Y, continuam a existir condições para levar a cabo lutas reivindicativas, para se formarem Comissões operárias que apresentem ao patronato as reclamações dos trabalhadores.

O que se impunha era não «tornar impossível» a formação de comissões (como os camaradas da empresa Y resolveram) mas sim a **mobilização de todos os operários para apoiarem as suas comissões**, para as acompanharem em massa aos escutórios, para se disporem a lutar contra qualquer represália sobre

os membros das suas comissões.

O que se impunha era que as Comissões a formar fossem **verdadeiras Comissões de Unidade**, com a participação de operários honestos e prestigiados, de diversas tendências políticas e religiosas.

Esta seria a melhor forma de evitar a repressão fascista do movimento reivindicativo, levando os trabalhadores à luta e ligando, ao mesmo tempo, mais estreitamente a organização partidária aos trabalhadores da empresa.

Os nossos camaradas da empresa Y, cuja resolução foi inicialmente aprovada por um camarada dum organismo superior, depressa compreenderam o seu erro e é de esperar que se irão tornar a organização partidária da empresa a verdadeira guia e vanguarda dos trabalhadores.

### **Acabemos com Todos os Vestígios de Rivalidade entre os Jovens Comunistas e os Membros do Partido**

A remodelação orgânica operada no trabalho juvenil em resultado das Resoluções do I Congresso ilegal do Partido, permitiram já importantes resultados positivos. Mas algumas concepções prejudiciais que essa remodelação tinha em vista corrigir, ainda se mantêm.

A ligação das organizações juvenis locais e de empresa com as organizações partidárias dos respectivos sectores, a direcção desta sobre aquelas, a entrada para o P. dos mais destacados militantes da FJC continuando estes a desempenhar as tarefas de direcção do movimento juvenil — abriram novas possibilidades ao movimento juvenil, facilitaram a condução

dum trabalho de massas entre a juventude trabalhadora, criaram nas filas do P. a ideia da necessidade dum ajuda fraternal ao movimento juvenil e aumentaram a ideia da responsabilidade dos quadros da direcção juvenil. Isto são condições essenciais para a criação nas empresas e localidades de amplos movimentos juvenis, objectivo fundamental de todo o trabalho de organização da juventude.

Mas, apesar dos passos positivos dados até agora, há ainda jovens comunistas responsáveis que encaram o P. com um espírito de rivalidade, continuando a ver na FJC **o seu Partido**: única entidade a quem devem contas da sua acção revolucionária e a



que estão ligados por laços de disciplina. Há mesmo jovens que, tendo sido chamados a Comitês Locais do Partido, ou à direcção de células de empresa, para assim poderem dirigir mais efectivamente o movimento juvenil, não têm uma participação activa no trabalho desses CL e dessas células, não discutem aí as questões referentes ao movimento juvenil, chegam a «fazer caixinha» do que se passa no movimento juvenil.

Em compensação, junto com os camaradas jovens, criticam a acção do P., discutem questões dos quadros do P., etc., etc. Na localidade Z, uma das preocupações dos nossos jovens camaradas é que «são melhores que os dirigentes locais do P.» e outra é discutir e comparar o valor individual, a cultura, a «preparação política», dos membros do P. e dos jovens.

Tudo isto mostra uma errada tendência de alguns jovens comu-

nistas a que poderemos chamar uma «paixão clubística» pela organização juvenil. E esta tendência deve ser corrigida, sob pena de se não conseguir a necessária unidade de esforços em cada localidade e empresa, onde há organização do P. e organização de jovens, sob pena de se não conseguir realizar toda aquela ajuda fraternal das organizações partidárias ao movimento juvenil, que as Resoluções do Congresso tinham em vista.

Felizmente que estes casos não são frequentes. Mas onde eles se verificam devem ser discutidos, com serenidade e paciência, que não exclua a necessária energia, de forma a corrigir duma vez para sempre essa velha ideia de rivalidade, que tantos prejuízos causou à actividade comunista nas localidades e empresas e que tão contrária é a toda a orientação actual do trabalho partidário no que respeita ao movimento juvenil.

### Organizações Partidárias DOS Centros NÃO Industriais

As nossas organizações de empresa, duma maneira geral, já compreenderam que o trabalho partidário não se limita a passar jornais e a recrutar militantes para o Partido. Eles compreenderam que a tarefa fundamental duma organização do Partido, e por isso de cada militante, era a conquista duma influencia e prestigio decisivos entre os seus companheiros de trabalho. Eles compreenderam que essa influencia e prestigio só era possível conquistar-se através duma luta persistente pelos interesses dos trabalhadores e pela orientação e condução justas dessas lutas. Eles compreenderam, também, que o recrutamento de

novos militantes para o Partido não devia ser feito entre os que se dizem comunistas, entre os palradores, mas entre aqueles que mais se destacam pela sua combatividade, seriedade e espirito de sacrificio nessas lutas da classe operária.

Mas se é certo que a generalidade das nossas organizações de empresa já compreenderam o justo caminho do trabalho partidário, o mesmo não acontece com a generalidade das nossas organizações de provincia dos centros não industriais. Estas organizações, actuando em meios de reduzida actividade industrial, composta geralmente por pequenas oficinas, sendo uma grande parte

dos trabalhadores empregados no comércio, não souberam ainda encontrar as formas duma verdadeira actividade partilhada, o **trabalho de massas.**

Limitando a sua actividade partilhada à passagem da nossa imprensa a conversas e discussões sobre os «problemas do amanhã» ou à «preparação dum novo camarada» não se apercebem dos problemas locais que dariam ocasião à mobilização da população local, treinando-a nas pequenas lutas, para lutas maiores, habituando os nossos militantes à luta de massas.

Os nossos camaradas de organi-

zações de província têm de compreender que este é que é o verdadeiro caminho dum activista comunista. Não sendo assim, as nossas organizações não passarão de grupos sectários sem qualquer influência nas massas ou na vida política da localidade.

Torna-se, por isso, necessário que as nossas organizações de província dos centros não industriais se transformem em verdadeiros organismos de massas, mas só o serão na medida em que saibam interpretar o sentir da população e colocar-se decididamente na vanguarda da luta pelos seus interesses.

### ACERCA DUMA PALAVRA DE ORDEM NO MOVIMENTO CAMPONÊS

Durante a ofensiva dos grandes agrários contra os salários dos trabalhadores do campo, verificaram-se factos que colheram de surpresa alguns camaradas. Como é sabido, as «Comissões Arbitrais» e as autoridades fizeram afixar editais com as tabelas de 14 de maio, procurando assim fazer baixar os salários dos camponeses. Os camponeses resistiram em massa contra esta ofensiva e, em algumas regiões, os patrões viram-se obrigados a pagar jornas mais altas. Alguns proprietários foram por esse facto; multados:

Em algumas aldeias, os patrões colocaram então aos camponeses a sua dificuldade em pagar jornas superiores à tabela, pois que, fazendo o, as autoridades os multariam. E, a pretexto de se furtarem à multa e de poderem continuar pagando as jornas pedidas pelos camponeses, propuseram o **desaparecimento das pra-**

**ças de homens** e que os camponeses fôsem individualmente a casa dos patrões para serem contratados.

Em alguns lugares, esta proposição foi aceite com certo agrado pelos camponeses. Alguns camaradas viram mesmo nisso uma «aliança» dos trabalhadores rurais e dos proprietários contra o estado fascista e acolheram com entusiasmo a extinção das praças de homens —êsses mercados medievais da força de trabalho humano. Tais camponeses não viram o fundo da questão e tomaram uma posição totalmente errada.

O que significava a extinção das praças de homens e o contrato individual em casa dos patrões?

A extinção das praças significava, naquele momento, uma tentativa para dividir os camponeses afim dos patrões poderem baixar os salários.

(Conclue no próximo n.º)